1ª PARTE

Estudos

AMOR E POESIA = VIDA(*)

Ribeiro Ramos

Creio ser esta a primeira vez que, neste recinto eternamente iluminado, um acadêmico faz o panegírico e fala sobre a arte poética da mulher com quem é casado. Isto até parece um vitupério, pois eu e Dinorá, unidos por um amor que não envelhece, estaremos celebrando, como graça divina, cinqüenta e oito anos de casamento em julho próximo.

A idéia não foi minha, obviamente, mas é certo o raciocínio que fazeis neste exato momento: são artes de meu querido amigo, e nosso eminente colega, Acadêmico Itamar Espíndola, dinâmico Secretário-Geral desta Casa. Foi ele, sim. Ao ensejo da sessão de 10 de janeiro deste ano, mal o cumprimentei à chegada, o confrade ilustre foi logo me dizendo — Você vai fazer uma das palestras nas Academias. E acrescentou: diga o mês que quer. E indagou a seguir: qual é o tema? E sem me dar tempo para uma resposta, tornou: fale sobre a Dinorá e sua arte de versejar.

Apanhado, assim, de surpresa, fiquei mudo e apenas assenti com um gesto. E o meu amigo me deixou plantado no meio da sala e saiu em busca do poeta Linhares Filho, que vinha entrando. Eficiência, pura eficiência, na admirável pessoa do nosso Secretário-Geral...

Eu tinha em mãos uma missão delicada, facílima de executar, mas que me deixou em papos de aranha. Aos poucos me tranqüilizei e tão logo me acudiu à mente velha parêmia que sempre escuto, desde menino, repetida na boca do povo: "Quem gaba a noiva é o noivo" — propagando a filosofia popular ao longo dos anos.

Repetido o refrão aqui estou eu diante de vós, no desempenho da doce tarefa de gabar a minha noiva, poetisa e escritora Dinorá Tomás Ramos, Contabilista, Bacharela em Direito, Professora concursada do Estado, Titular de Direito Público da Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Estadual Vale do Acaraú — UVA, educadora de méritos, com mais de sessenta anos dedicados ao divino mister de instruir e educar, e, mais que tudo isso, esposa exemplar e mãe amantíssima, verdadeira Mulher bíblica a ostentar, feliz, rica descendência que é dádiva divina; dez filhos, vinte e um netos e seis bisnetos, todos eles por ela celebrados em prosa e verso.

(*) Trabalho apresentado à Academia Cearense de Letras, em sessão ordinária de 10 de junho de 1987.

Uma longa vida, mercê de Deus, toda ela devotada ao ensino e educação — no lar, nas escolas públicas (primárias e secundárias), nos colégios (próprios e particulares ou oficiais), nas escolas técnicas e na universidade. Paralelamente a constante atuação social em associações religiosas, clubes e entidades sociais, educacionais, diversionais e assistenciais, sempre oferecendo às mesmas constantes, valiosa, duradoura e inteligente colaboração, quase sempre ocupando postos de direção. Como educadora ocupou a direção de três ginásios e de uma escola técnica de comércio, tendo oportunidade de prestar favores especiais e preciosa ajuda a alunos desprovidos de recursos, possibilitando aos mesmos um futuro promissor. Professora nata, desde menina, como auxiliar de tia Benvinda, sua primeira mestra, devotou-se ao sagrado mister por mais de sessenta anos, sem medir esforços, sem poupar-se e sem pensar em si própria.

Conheci Dinorá em 1927, na cidade de Acaraú, onde fui exercer, recentemente formado, a minha profissão. Encontramo-nos pela primeira vez no clube local, ao ensejo de uma tertúlia promovida por alguns rapazes e moças da sociedade, intitulada de "Uma noite de Poesia". Convidado, aceitei recitar um poema, e me preparei convenientemente tencionando declamar "A Lágrima", de Guerra Junqueiro, poeta de minha predileção na juventude. Um amigo comum nos apresentou, e durante a conversa soube que a jovem professora, por pura coincidência, havia escolhido para si o mesmo poema do imortal poeta luso. Discretamente pedi ao amigo que nos apresentara que solicitasse de sua jovem amiga declamar uma outra poesia, deixando, assim, comigo os versos de Junqueiro. Ela recusou. Fiquei desolado e de imediato rebusquei, aflito, na memória, um outro poeta, uma outra poesia. Chegada a minha vez, suando frio e com o coração a estalar dentro do peito, subi ao palco e recitei "O Palhaço", pequenina obra-prima do Padre-Poeta Antonio Tomaz. Minha emoção era tanta que mal cheguei, quase inaudível, ao último terceto:

"No entanto a dor cruel mais se lhe aguça
E enquanto o lábio trêmulo gargalha
Dentro do peito o coração soluça."

Foi com o coração quase em soluços que desci do palco, de raiva daquela linda moça loura, que foi a primeira pessoa a me cumprimentar e que a mim me pareceu estar a rir intimamente, do meu fracasso como declamador. Ao me felicitar, com um sorriso cheio de encantos, Dinorá me agradeceu por ter escolhido uma produção do seu tio Padre, fato que eu ignorava até aquele momento. Nossa conversa foi cerimoniosa mas muito amena e cordial. Segundo hábito meu de toda a vida ouvi mais do que falei. Ao nos despedirmos pedi permissão para a visitar, sob o pretexto de ouvi-la falar sobre o tio Padre que há dois anos havia sido eleito Príncipe dos Poetas Cearenses em rumoroso concurso feito pela revista *Ceará Ilustrado*, dirigida pelo jornalista e poeta Demócrito Rocha.

Novos encontros, novas visitas. Eu apreciava aquela moça e gostava imensamente de ouvi-la tocar violino e bandolim, de declamar versos de célebres poetas, entre os quais estava sempre Antonio Tomaz. Um dia ela recitou para

mim versos próprios, revelando-me mais uma bela faceta do seu espírito. Por esta altura e já filiado ao clube social "Recreio Dramático Familiar", entidade mantenedora do quinzenário *O Acaraú,* a diretora houve por bem me fazer redator do jornal. Foi-me fácil pedir a colaboração da jovem professora para o jornal, já bastante conhecido na região, desde que fizera uma publicação sistemática dos sonetos do Padre Antonio Tomaz, sem dúvida o mais ilustre filho da terra acarauense. Fui atendido: Dinorá enviou-me um soneto de sua lavra intitulado "Contemplando a Lua", a mim delicadamente ofertado. Agradeci a gentileza na coluna assinada que vinha mantendo desde que assumira a redação, além de uma outra sobre temas literários, sob o pseudônimo de Rafael Sânzio, que, aliás, usei muitos anos.

Residia por essa época na cidade um professor educado na Inglaterra com quem fiz uma boa amizade, e conseguimos com ele que nos desse aulas de Inglês, à noite. Éramos três alunos apenas: eu, Dinorá e o primo em cuja casa morava. O livro adotado pelo professor Gutenberg Gonçalves, para leitura e tradução, era a "Estrada Suave", de uso nos ginásios. Todas as noites, às 7 horas, lá estávamos reunidos na sala de visitas do mestre Gutenberg, sentados à mesa: ele à cabeceira, Dinorá e primo João Coelho de um lado e eu em frente aos dois. Eram momentos de enlevo e felicidade para nós, namorados. Dinorá sempre trazia uma rosa presa ao peitinho da blusa e, no momento exato em que o primo lia em voz alta a sua lição, quase sempre um trecho de Shakespeare, ela discretamente retirava a flor do seu lindo pedestal e punha dentro do livro delicadamente, e passava aquele mimo para mim, para imensa alegria dos meus olhos e gozo dos meus sentidos. Os editores daquela dura Estrada Suave, por certo, nunca imaginaram que a sua obra pudesse um dia transportar tão suave, delicada e perfumada mensagem de amor entre namorados.

O nosso namoro tornou-se firme, não nos bastando os encontros, aproveitando para isso todas as oportunidades, e então passamos a trocar cartas diariamente, numa correspondência epistolar que me dava uma intensa alegria. Como as notícias correm em breve a família de Dinorá tomava conhecimento de tudo, e Dona Marieta, mãe zelosa, conseguiu que o próprio Padre Antonio Tomaz, tio e padrinho da filha, viesse ao Acaraú, a ver o que havia e conhecer-me naturalmente, tanto mais que se espalhara em Santana um boato tendencioso a meu respeito: eu era um boêmio, tocador de violão e seresteiro! Pobre de mim que jamais cantei em minha vida, assim como jamais toquei qualquer instrumento, para grande pesar meu...

Conhecer o Padre Antonio Tomaz foi uma das maiores alegrias de minha vida, desde que lhe apertei as mãos e o abracei, num gesto amigo, fraterno e afetivo. Foi ele uma das maiores amizades de minha já longa vida, amizade que nasceu ali, naquele primeiro encontro, espontânea e sincera, para logo se tornar em estima recíproca, sólida e profunda, que só a morte faria cessar, não sem deixar comigo viva saudade, reavivada constantemente em puras relembranças afetivas, envolvendo nesses mesmos sentimentos o dileto irmão Francisco Tomaz, pai de minha mulher.

Nas férias Dinorá voltou ao lar paterno e não mais retornou a Acaraú. Nossa correspondência se intensificou. Fui visitá-la em Santana, ocasião para conhecer-lhe os pais, avós maternos e demais membros da família e nesta as suas seis irmãs. O ambiente da casa do Tabelião Francisco Tomaz Lourenço era de eterna alegria, uma festa contínua de graça, inteligência e beleza. Ao entrar naquela casa e ao ver diante de mim aquelas sete lindas moças em plena juventude encantando tudo, de logo julguei que Deus Criador deixara cair do Céu a fiel reprodução de uma de suas maravilhas: o Sete-Estrelo "em mágico transporte".

Voltei a Santana para casar, em ato religioso presidido pelo Padre Antonio Tomaz, acolitado por dois sacerdotes parentes seus, Padre Araken da Frota e José Joaquim Soares, no dia de Senhora Santana, 26 de julho de 1929, interrompendo de vez uma ausência que se tornara insuportável para o jovem casal de namorados. Cessaram também as "Cartas à Fornarina" que Rafael Sânzio vinha publicando nas páginas do *O Acaraú* desde que a amada partira. Nosso casamento tem sido até hoje uma felicidade contínua vivida a dois, uma graça divina.

Perdoai-me se até vos falei de mim e Dinorá, como dois seres humanos que Deus nos seus insondáveis desígnios fez marido e mulher. Tentarei falar, a partir de agora, da Arte Poética de minha companheira. Ele não quis dar-me o dom da Poesia, mas por infinita mercê não me tirou o privilégio de saber amá-la, e deu-me a graça de invejar os poetas sem pecar por muito admirá-los e por muito lhes querer. E foi mais generoso ainda: deu-me uma poetisa.

Dinorá tem um costume interessante de fazer os seus versos: nunca se prepara com propósito de escrevê-los. Fá-los em qualquer lugar e a qualquer hora — numa reunião social, viajando de carro, numa festa, no trabalho, em meio a uma leitura e, quando ensinava, na sala de aulas. Em casa, no momento preciso, pega um papel qualquer e escreve os seus versos. Tenho visto e lido muitos deles escritos nas costas de um envelope ou de uma receita de bolos, nas páginas em branco de um livro ou no verso de uma nota de compras. Aos netos e familiares que aniversariam costuma enviar cartões postais ou acrósticos rimados, sempre escritos na hora em que estou de saída para o Correio.

Lembro-me bem de nossa visita a Teresina, quando acompanhamos o Governador do nosso Distrito L-15 de Lions Internacional Leão Rocha Furtado, para a fundação naquela Capital do 1º Clube de Lions lá instalado. Várias, muito bonitas, elegantes e distintas foram as festas organizadas em honra de caravana do Ceará. Uma delas, como despedida: elegante recepção em bela mansão de ilustre família da terra, cujo chefe era Ministro aposentado. Dinorá saiu de perto de mim e, na hora do brinde, leu entre aplausos uma Saudação às domadoras teresinenses, escrita minutos antes:

Deslumbrei-me de beleza,
não foi sonho — bem senti
daquela terra o encanto,
Teresina — Piauí!

As serras de um azul intenso,
na paisagem que sorri,
são nesgas de céu vestindo
Teresina — Piauí!

Na tarde morna e tranqüila,
Da Costa e Silva eu ouvi,
decantando num poema,
Teresina — Piauí!

Vi os dois rios amigos,
O Parnaíba e o Poti
retratando em suas águas
Teresina — Piauí!

Parnaíba, o "velho monge",
regando as terras, eu vi,
tornado imortal no verso
Teresina — Piauí!

Ao farfalhar das palmeiras,
deslumbrada adormeci
ouvindo cantar o vento:
Teresina — Piauí!

Socopo de águas mornas,
retrata a cidade em si,
na tepidez e doçura,
Teresina — Piauí!

Médico ou Louco Divino,
Clidenor, eu conheci,
o criador do Meduna,
Teresina — Piauí!

O trato lhano e fidalgo
da gente com quem vivi,
fez-me lembrar com saudade
Teresina — Piauí!

Beijando as faces mimosas
das nobres damas dali,
eu oscultei orgulhosa
a alma do Piauí.

Algum tempo depois mandei cópia deste poema ao nosso eminente confrade Arimathea Tito Filho, Presidente da Academia Piauiense de Letras, que o transcreveu na revista daquele sodalício.

Ao visitar Sobral, depois de longos anos de ausência, o artista Ary Sherloch foi alvo de uma manifestação dos estudantes da Escola de Comércio Dom José. Dinorá declamou e ofereceu ao vitorioso e conhecido ator — numa poesia sua até então inédita, que me apraz trazer aqui para os vossos ouvidos ilustres e amáveis:

OS CHINELINHOS VERMELHOS

Era um prazer, era um gozo
ver Maria num terreiro
de chinelinhos vermelhos
sapateando ligeira,
rodopiando num samba,
sem cansar, a noite inteira.

Hoje, Maria não anda,
vive assentada no chão,
— olhos grandes de saudades
das noites de São João,
de chinelinhos vermelhos
com que dançava o baião,
requebrando com denguice,
cheirando a manjericão...

— O que fizeste, Destino,
dos chinelinhos vermelhos,
que pulavam, que voavam,
sem quase tocar o chão?
Dos chinelinhos pequenos
— dos homens a tentação
que calçaram os pés morenos
de Maria Conceição?

Maria está entrevada,
sabe que não dança mais,
— que suplício, que tortura
esta certeza lhe traz...
Tem as pernas deformadas,
longos pés endurecidos,
nem ela se reconhece
— magra, de olhos sumidos.

O povo diz: foi castigo!
— Mas é maldade do povo,
que ainda lembra consigo
o rodopio ligeiro
dos chinelinhos vermelhos
voando pelo terreiro
parecendo dois piões,
duas verbenas aladas,
falenas enfeitiçadas
seduzindo corações.
— Destino, não sê mesquinho,
traz de volta os chinelinhos,
cala a boca deste povo,
tem pena, tem compaixão,
faz reviverem de novo,
ao passo bom do baião,
os malfadados pesinhos
de Maria Conceição.

Admiradora incondicional do tio e padrinho, Dinorá fez dele o seu maior amigo logo depois de seu próprio pai, por isso mesmo ao escrever-lhe a biobibliografia fê-lo com profundo amor, digo até mesmo com veraz paixão. Na juventude e ao escrever os seus primeiros versos ela seguia-lhe os passos, procurando imitar-lhe a arte poética, deixando-se seduzir pelo parnasianismo. Mais tarde ela se integrou no Movimento Modernista. Foi exatamente nessa fase de vida literária que Dinorá escreveu o seu livro, hoje em 3ª edição — *Padre Antonio Tomaz Príncipe dos Poetas Cearenses,* em ritmo acelerado, quase de um jato, não como quem quer concluir uma tarefa apressadamente e de qualquer modo, mas como quem tivesse uma inspiração vinda do alto e não quisesse vê-la fugir. Estive ao lado dela enquanto escrevia a obra, mal tendo vagar para fazer uma refeição ou repousar um pouco, servindo-se dos dados que havia guardado como quem guarda um tesouro, e buscando na memória acontecimentos e fatos que retivera ao longo de seu convívio, separando as fantasias de menina e sobrinha predileta do poeta, para vê-lo, estudá-lo e exaltá-lo como mulher que já se aproximava da maturidade. Falava a biógrafa, e como tal estudou a personalidade do poeta-sacerdote, analisou a temática de seus sonetos, penetrou nos meandros iluminados de sua arte poética e auscultou-lhe a alma, para provar as razões da popularidade dos seus versos imortais, que tanto incomodava alguns críticos apressados. Judiciosamente escreveu: "Não sei por que o fazem. É que não conheceram de perto o poeta. Não provaram a felicidade de auscultar-lhe a alma luminosa e simples, e nem lhes foi dado levantar um pouco do véu da invulgar modéstia que lhe encobria o caráter rijo e uniforme, o juízo austero com que julgava os próprios atos e a indulgente bondade que dispensava aos dos outros". Certo, certíssimo tudo isso aí.

Já é tempo de concluir esta insulsa palestra, quero fazê-lo recitando alguns sonetos da minha poetisa, que já ultrapassam de três centenas, rogando a vossa permissão e generosa atenção. Dinorá, se bem cante com freqüência o amor, a felicidade, o afeto, a ternura, a fraternidade, e faça também versos místicos, tem um forte pendor para a misantropia tal como o tio, o Príncipe Padre Antonio Tomaz no seu célebre "Perfil de um Misantropo", escrito para agradecer a um amigo um retrato que lhe mandara. Em tais momentos a dor, o sofrimento, a tristeza, a desventura, a amargura lhe fazem companhia em cada estrofe. Por favor escutai-a:

PARA O MEU AMOR

Meu amor, meu amor, quando me vires
cismando à-toa, quieta e alheiada,

não te apoquentes, nem de mim retires
o apoio de tua alma apaixonada.
Feliz me julgarei, se me sorrires,
e sentirei a vida iluminada,
gozando a mesma paz que tu sentires,
sentindo que, por ti, serei amada.
A estrela guia o grupo peregrino
dos três reis magos, rumo de Belém,
levando mirra e oiro ao Deus Menino.
Como os reis magos, teu amor também
me traz, da Esperança, o oiro fino,
e a mirra recendente deste Bem.

SINGULARIDADE DO AMOR

Por que depressa foste embora, Sorte?
Não me abandones sem uma causa haver,
Talvez tu queiras que eu prefira a morte
mas bem quisera inda poder viver.
Viver eu quero sem que nada importe
além do amor que prende o nosso ser,
e que se torne cada vez mais forte
o sentimento deste bem-querer
Viver, querido, quando o amor existe
— é um sonho belo, êxtase talvez.
É sentimento a que não resiste
a frágil vida pra que Deus nos fez
E sendo este amor puro e imprevisto
nossa alma acorrenta uma só vez.

MISANTROPIA

Daquela ave, no coqueiro, ao fundo,
ouço o canto vibrar pelos pomares,
e, de repente logo me confundo,
e deixo que se escapem os meus pesares.
Em vôo sereno percorrendo o mundo,
terras e céus, os sertões e mares,
o pensamento penetra profundo
os segredos da vida pelos ares.
A sondar os meandros da Tristeza...
Às durezas da vida resistindo...
da Mocidade, a fragílima beleza
eu sinto, pouco a pouco me fugindo.
Então pressinto a cruel certeza
de vir a Morte tudo destruindo.

Um contraste perfeito na temática destes dois últimos sonetos, no entanto ambos escritos no mesmo dia: "Singularidade do Amor", às 9 horas da manhã, e "Misantropia", às 6 horas da tarde de 31 de maio de 1987.

Não nos foi possível ainda publicar o livro de versos da poetisa Dinorá Tomás Ramos, que a família e os amigos mais queridos há muito esperam. Um dia ele virá.

No Livro da Sabedoria no Eclasiaste encontrei esta sentença profunda: onde falta a mulher aí geme o pobre. Deus não quis me fazer poeta, para cantar os meus gemidos, mas em compensação me deu duas mulheres: Dinorá, amor maior, e a Poesia, que lhe vive n'alma.

Antes de concluir, duas trovas de minha companheira querida e terna amiga de todas as horas:

Se as dores todas da vida
tivessem o dom de voar,
a vida estaria perdida
sem espaço pra respirar.

***

Meu coração, à tua vinda,
tem forte pulsar sem fim,
mas pulsa mais forte ainda,
quando te ausentas de mim.

Quando menina-moça, Dinorá costumava escrever historinhas em quadrinhos, que depois transformava em dramas ou comédias que levava à cena, para o público, em ocasiões especiais. Afora os circos mambembes, que raramente por lá apareciam, era a única diversão oferecida às famílias de pacatíssima cidade de Santana do Acaraú. A distância, posso afirmar, perdeu o Ceará naquela talentosa jovem, uma vocação voltada para o teatro e para a comédia, por falta de estímulo e ajuda.

Foi nessa época que estreou em versos — uma décima, que recitou à hora do almoço e quando a família estava reunida à mesa:

CENA DOMÉSTICA

Quando o almoço remata,
minha mãe — a Marieta,
faz-se uma algazarra completa,
não há louça que não bata.
A casa toda se agita.
Até o papai também brota.
Por causa de uma fruta
uma criança sempre grita.
Mamãe tem osso de Frota,
e, de raiva, fica bruta.

O Padre Antonio deu uma gostosa risada, Chico Tomaz riu alegremente, as meninas bateram palmas e Dona Marieta ficou fula. A estréia valeu. Dias depois, solicitada, veio com

VITALINA

A bela Alcy adorada,
riso nos lábios, tão leda!
Trajava sempre de seda,
e tinha a tez nacarada.
Com um lustro mais de vida
ela, porém, mudou toda,
ficando além de sisuda
feia, amarela, franzida,
vestido fora da moda
e a cara sempre trombuda.